



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

14 DE SETEMBRO DE 1963
ANO XX — Nº 509 — Preço 150

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
DIRECÇÃO DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



A Casa do Gaiato de Malange vai começar de zero. É uma propriedade que foi bela, mas abandonada há muito. Das habitações que teve restam ruínas.

A Obra da Rua em ANGOLA

Em bem queria elaborar uma lista completa do que vai ser preciso levar, mas vejo-me e desejo-me.

A Casa de Malange vai começar de zero. É uma propriedade que foi bela, mas abandonada há muito. Das habitações que teve restam ruínas. Das plantações que ainda estão de pé, não sabemos quanto se poderá aproveitar. A princípio teremos de residir na cidade e por isso impõe-se urgentemente o começo da construção da pequena Aldeia. Quanto ali não vai ser preciso!... Mas, para já, é preciso tudo que reclama uma casa em que morarão um padre com dez rapazes e uma senhora, a qual, aqui, será a mulher de um dos nossos. São precisas camas, já encomendadas na Adico. E mesas e armários e cadeiras e fogão de gaz e loiça de cozinha e loiça de mesa e talheres e roupas de cama e toalhas... No Culamuxito ainda não há energia eléctrica e é natural que não

possa haver tão cedo. Serão precisos, ao menos, dois canis deiros «Petromax».

Em terras de África será atrevido pensar desde já em frigorífico? A julgar pelo que lá vimos em nossas duas visitas, trata-se de peça fundamental no recheio de uma casa.

E são necessárias máquinas de costura e ferros de engomar e o equipamento mínimo para uma pequenina enfermaria e tratamentos. São precisas duas máquinas de escrever. Para cada casa vão carpinteiros e alfaiates e sapateiros. Quem levanta o dedo pelas ferramentas essenciais a cada uma destas artes? E, também, por dois aparelhos de rádio? Um de pilhas, é claro...

E que dizer da urgência de uma carrinha aberta para transporte de materiais da cidade para a quinta onde vai ser a Casa do Gaiato de Malange, que lhe dista 8 Km?

Creio que resta falar na Capelinha a construir e em todas as alfaias necessárias ao culto.

Ora vêde lá o mundo de coisas e quem nos puder ir remediando com algumas, que não demore!

Em Benguela, tomaremos uma casa já em funcionamento com cerca de quatro dezenas de rapazes. Ai há já algum equipamento, mas não o que será preciso para o desenvolvimento que se espera. Contudo, como «a cada dia... a sua malícia», é a Casa de Malange a que, para já, reclama mais a atenção de todos.

Nós contamos partir por meados de Outubro. Como há que fazer malas e embalar caixotes, não há tempo a perder. Esperamos, pois, muitos recados na volta do correio.

P. S.

A propósito. O Lar do Porto está em acabamentos. É voz geral e unânime que «o Lar fica uma categoria». Mas faltam-nos uns quadros, uns objectos de adorno, que sejam discretos e digam bem com a falada «categoria».

Quem nos manda ir por eles?

AFRICA



A preparação das coisas intensifica-se com a aproximação da partida. Porém, não são elas o objecto primeiro dos nossos cuidados. É certo que as Casas do Gaiato de Malange e de Benguela esperam tudo o que é necessário em casa destinada a uma grande família. Mas muito mais importante é a constituição dos grupos que as irão começar.

Quase sempre o primeiro olhar de quem se debruça sobre uma iniciativa como esta cai sobre a grandeza das verbas indispensáveis à sua realização. E é verdade que elas são tamanhas e realmente indispensáveis!

Mas, a grande dificuldade em todas as Obras de grande dimensão humana — maior ainda quando há nelas uma dimensão divina — a grande dificuldade é encontrar quem as realize; e, humilde, mas tenazmente, seja capaz de resistir aos obstáculos que outros, fatalmente, e até, talvez, bem intencionalmente, não de levantar.

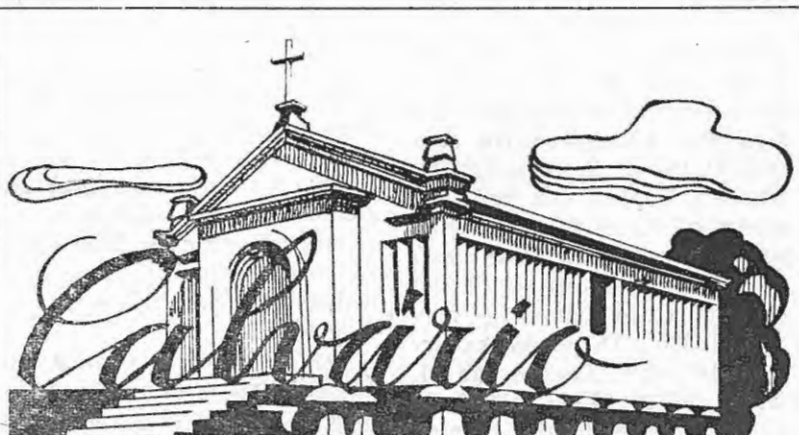
A preparação das pessoas é, pois, o grande problema a resolver — e é esse que nos preocupa.

Há poucos dias os «padres da rua» consagraram a maior parte da sua reunião mensal à escolha dos rapazes que hão-de ir. Nós não partiríamos sem eles. Não seríamos capazes de uma fundação tão longínqua do berço da Obra se os não tivéssemos para nos acompanharem. Mas quanto preciso é que estes dois pequeninos grupos sejam verdadeiramente o fermento que há-de levedar a massa dos muitos mais que, recebidos em terra

africana, se lhes hão-de juntar! Ora nós não somos nem temos super-homens. Acreditamos e sabemos que Deus faz as Suas obras com homens defeituosos. Basta que estes olhem para os talentos que receberam e se dediquem à tarefa de trabalhar com eles, sem perderem o tempo, morbidamente, na consideração de muitos outros talentos que lhes não foram dados. Este espírito, assim humilde e são, não é muito frequente. E ele é a condição primeira na escolha dos que hão-de ir! Foi, pois, uma tarefa duplamente penosa a que gastou a maior parte da última reunião mensal dos «padres da rua»: Escolher os que nos parecem melhores para a missão que se apresenta

e cedê-los das Casas em que ora estão e onde deixam falta. Esperamos em Deus que este sacrifício das Casas do Gaiato metropolitanas às duas irmãs

Continua na SEGUNDA pág.



Encostadas a muro rasteiro que servia de suporte a quintal, tábuas velhas e pedaços de chapa formam barraca diminuta com dois metros de comprimento, um de largo e outro de alto, nem mais. Dentro uns sacos; à porta fogueira mortíca; acorçado, meio dentro e meio fora, pobre velhinho tolhido pelo reumático. Pego-lhe na bengala caída no chão e verifico que tem justamente a altura da «casita».

— Pr'áqui estou só neste mundo. Mal me arrasto. Passo fome e frio.

— Você quer ir pro Calvário?

— O que vem a ser isso?

Os olhos pequeninos do Pobre vão saindo das órbitas cavadas no rosto sujo, à medida que lhe revelo o Calvário.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

BARRACAS

Eu tenho andado afastado das barracas, que é morte para uns e vida para outros. Digo morte, porque os seus habitantes vegetam nos lixos que elas abrigam. Digo vida, porque nós outros, de sentimo-nos bocadinho de sede de os trazer prá Vida, ganhamos força e procuramos Viver, na medida em que procuramos a Vida para eles. Eu tenho sentido a falta deste contacto. Deste contacto que nos tira o véu dos olhos e nos põe diante da realidade que não queremos ver, nem que seja vista. Esta realidade é o nosso irmão sofredor, são os nossos pecados, vistos nos seus rostos de privações, na educação precária que vai de pais pra filhos.

Escrevo-te dum monte de barracas, escondidas por uma mata de eucaliptos. O progresso da cidade trouxe práqui estas tábuas e latas que abrigam esta gente, refugiada do desenvolvimento urbano. Eles não têm pra pagar um quarto na cidade, e então fogem dela, porque a sua pobreza não cabe no padrão de vida que lá é.

Eu vejo estas crianças sujas, que se insultam em pala-

vras e gestos sujos também, e pergunto o que serão quando crescerem, quando a razão lhes vier. A resposta dão-no-las os pais com seus vícios. As crianças dizem o que ouvirem, fazem o que viram e o que lhes ensinaram. São plantas boas a quem o lavrador faltou com os cuidados, e deixou crescer no meio de ortigas e tojos. Plantas boas, que se não desenvolvem nem frutificam, porque olham a seiva e não deixam que os seus frutos se espalhem e sejam «vida».

Eis a barraca e os seus habitantes: As doenças e privações do corpo, são a amostra cruel das nossas culpas espirituais. Nós vemos crianças adiantadas em aberrações? E onde está a nossa reserva, o cuidado moral para com elas? Eu li outro dia um cronista a dizer que tínhamos que criar nova mentalidade, para salvar o mundo.

Pois não é de criação essa mentalidade, é de cumprimento — do cumprimento da LEI.

Eis o verho para «criar» a tal mentalidade: guerra do AMOR à barraca.

Ernesto Pinto

Do que nós necessitamos

DE novo perante vós, leitores amigos. E sempre que aqui venho, trago-vos as vossas presenças e as nossas necessidades. E elas são muitas, graças a Deus, e aqui vão.

Abre a coluna, duas presenças da Rua da Madalena, com os 20\$00 mil reais. Mais 20\$ do Porto. Lisboa-2, com 20\$. De Oliveira, com 20\$. Sufragando a alma duma pessoa de família, 40\$00. Dum Zé de Lisboa, pentes, mais sticks para a barba e muitas lâminas. Que boa oferta para os nossos barbudos! Obrigado senhor Zé e mande sempre. 50\$00 «pelo dia 22, de uma amargurada». Dafundo com 200\$. «Uma rapariga amiga da Obra» envia a sua cota de Agosto, para aquelas famílias das quais a Nota da Quinzena se fez eco.

«Junto uma pequena lembrança (50\$00) para o que for mais necessário. Espero que me tenhais presente junto do Senhor porque embora sacerdote nada valho». A nossa gratidão, a nossa amizade e as nossas orações, são para todos vós, irmãos em Cristo. Por intermédio da Ideal Rádio, 20\$00 e o muito apreço que a Gerência da nossa estação emissora nos dedica. Mais o cartãozinho «Por alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava», com 50\$00 por duas vezes. «Uma pequenina oração pela felicidade duma pecadora», 140\$. Cá está o pecador Manuel da Rua da Corticeira, que nunca falta, graças a Deus, com 40\$.

Da Rua de Costa Cabral, 1.020\$00 em adção de graças pelo bom resultado do exame da filha deste nosso amigo. 50\$00 de S. Martinho de Mouros. Mais um pacote de selos do Lobito. Dois oitavos de lotaria, de alguém. C. M. S. de Vila do Conde, com 25\$00. «Uma mãe de 7 filhos, de Lisboa», com 50\$00. Luanda com os 200\$00 mensais. Por intermédio de «O Comércio do Porto» 48\$40, importância de donativos vários entregues na quele diário e destinados à Casa do Gaiato.

Márinha Grande com 20\$00 e mais nada! 100\$ de P. C. T., de Lisboa-1. Mais 500\$00 de Luanda. O assinante 2342 com 600\$00. Do Porto, 70\$. Mais Lisboa com 50\$00. Roupas da Ota, Almeirim e Lourenço Marques. 200\$00 em cumprimento dum voto. De «uma Maria escondida», 100\$. Anónimo do Porto com 50\$00. De Rimo Tinto um assinante envia 100\$. Cadaval com 50\$. Portuense Maria com 300\$. Mais a Invicta com 100\$00, 40\$00, 25\$00 e 20\$00. Mais um caixote de medicamentos de Castelo Branco, de um senhor Oficial, que muito nos ama.

500\$00 e estes dizeres: «Ao receberem esta, talvez já tenha dado contas a Deus. Se Ele me poupar, a minha vida transformar-se-á, pois lamento tão tardiamente ver o bom caminho e assim ver-nos em mais vezes». Graças ao Senhor pela Luz que o iluminou.

vive a Caridade, que na aplicação destes tostões ponha por mim um pouco de amor que quebre a secura destas dádivas à distância.

E agora, para terminar, não resisto à tentação de Mancrever outra carta. É da Madeira:

«Envio-vos estes magros tostões, resultado dos sacrifícios feitos pelos alunos da minha escola. Depois de termos lido num livro da 4.ª classe algo relativo às Casas do Gaiato, surgiu a ideia de participarmos com uma migalha, para aquilo que mais necessitardes.

Uma Avé-Maria, para que Deus guie sempre estes pequenitos.

Uma Professora.»

Como eu gostei desta carta! Que o Senhor nos guie, e que nós o saibamos seguir.

MANUEL PINTO

Mais pacotes de roupas de Lisboa, Vilar do Paraíso, Espinho, Santo Tirso e anónimo com 3 embrulhos delas. Mais ainda uma grande remessa de gravatas tirones, que nos vieram da já conhecida casa que é o Espelho da Moda. 100\$00 de S. Paulo. Igual quantia do Porto. 463\$40 — «Patrões e operários da Fábrica de Malhas Marão oferece estas migalhas para as vossas maiores necessidades, pedindo ao Pai Américo que do Céu lhes deite a sua benção». Mais gente de trabalho com sua oferta, 40\$00 — «O pessoal de tecelagem da Fábrica Avis oferece este pequeno donativo por alma do senhor Raimundo Durão». E mais 393\$ — «Oferta dos empregados da Filial do Porto do Banco Pinto & Sotto Mayor, remanescente de uma subscrição para a compra de flores para o funeral efectuado em Maio último, do seu saudoso colega Dr. Gaspar Fernandes de Oliveira». Que o Senhor os tenha à Sua guarda.

Uma Godinense envia 20\$, duma graça concedida. 50\$00 de Sagres em cumprimento de uma promessa. Queluz com 20\$00. De Lisboa 1.000\$00, última prestação de uma promessa. Ainda da Capital, 100\$. Mais 60\$00, amealhados tostão a tostão. Idanha-a-Nova com 200\$00. A. J. G. com 500\$00. Antónimo com a sua habitual contribuição. Mais a presença muito querida da nossa Avó de Moscavide, com os 20\$00 de sempre. Da Póvoa de Varzim, 100\$00. Do grupo excursionista «Os Amigos de S. Brás», 50\$00. Mais 250\$00 de Lisboa. «Aumentado o meu ordenado, pertence aos Pobres o primeiro aumento», 1.000\$. E mais 100\$00 e esta carta:

«Junto uma pequena parte daquilo que tinha obrigação de mandar. E ainda por cima é tão cómodo dar assim! Mandam-se uns tostões e já está! Peço ao Rev.do Padre, que

Setúbal

O leite é em nossa Casa o elemento quase primordial na alimentação.

Todos gostam muito do precioso líquido. Saboreiam-no de um modo especial: — Contactam com as vacas. Amimam-nas. Lavam-nas. Pastoreiam-nas. Apanham-lhes as rações. Tiram o leite — O leite é das suas vacas: tem para eles um sabor especial. É seu.

Segundo as necessidades mais competentes actualmente em cumprimento de nutrição ele é precioso e desempenha uma função altamente benéfica na recuperação fisiológica de organismos depauperados. Também esta mentalidade nos tem orientado e entusiasmado pelos frutos evidentes da sua prática.

Há dias, quando o Rádio-Rastreo veio fazer exame aos pulmões deles, suspeitou-se que o Raulito sofresse de qualquer infecção. Não nos admiramos: — Ele é irmão do nosso bebé e está na série de nove filhos de uma mulher anormal; filhos de pai incógnito.

Raulito começou logo a beber leite três vezes ao dia. Felizmente, foi apenas suspeita. Os pequeninos pulmões do Raulito tinham saúde, mas ele habituou-se de tal modo ao leite que ninguém o convence de que já não necessita de tomar a sua caneca bem cheia, de manhã, à merenda e à noite depois do jantar.

É vê-lo de roda do cozinheiro com a caneca na mão: Ó Freixedas dá-me o meu leite. Como eu gozo em segredo, estas cenas inocentes impregnadas de um sentido de justiça. «O meu leite»!

Como saboreio uma consolação indefinível pelo facto de termos leite!...

Como estes factos me dão um argumento concreto, com força palpável para entusiasmar uma dezena de rapazes que se dedicaram a fazer uma Escola de Capatazes Pecuários, que a Direcção Geral de Serviços Pecuários vai finalmente oficializar em nossa Casa!...

Leite, manteiga, queijo, iogurte!... Tudo caseiro! Tudo deles, por eles e para eles! Tudo sem misturas, melhor, sem mistelas!...

Eu tenho muita esperança na Escola de Capatazes Pecuários. Fundamento-me no entusiasmo social e no apoio incondicional que nos foi prometido pela Intendência Pecuária de Setúbal. Sei. Todos nós sabemos que actualidade não jogamos apenas com o exito de mais uma abertura para vida deles, mas estamos já a jogar com o futuro de uma dezena de rapazes que nos merecem todo o cuidado até pelo modo como se têm deixado orientar. São Eles!... É a nossa Escola!... É o nosso leite o bai-

lado no fundo das minhas últimas preocupações.

Eles como fulcro à volta do qual toda a nossa vida gravita e mais se prende sobretudo quando prevemos dificuldades!

A Nossa Escola — fonte de conhecimentos rudimentares, mas fundamentais, no tratamento do animal e seus produtos — enriquecimento da Economia Nacional, posta ao serviço dela!

O Raulito com as suas exigências lembrando-me as exigências de tantos milhares de depauperados: — Ó Freixedas dá-me o meu leite.

P. e Acílio

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

próximamente nascituras em Angola, será benção que há-de traduzir-se em mais generosidade entre os nossos que aqui serão chamados aos postos de comando e entre os que deixam estes para os retomarem nas novas Casas.

Todos os Amigos que têm verdadeira consciência da Obra — «de rapazes, para rapazes, pelos rapazes» — compreendem a tonicidade que este problema tem para nós entre todos os outros e por isso hão-de comungar na nossa prece para que assim seja.

E nestas semanas que nos sobram antes da partida, nos sobram os trabalhos de Marta nos façam andar por aqui e por ali na preparação do indispensável, nós queríamos andar com o espírito de Maria, fixo aos pés de Jesus, certos de que é essa «a melhor parte».

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



Cont. da PRIMEIRA página

Na manhã seguinte somos companheiros de viagem no rápido do Porto.

Passam-se cinco anos após aquele dia. Neles quanta alegria não raia para o Ti Lobato neste local repousante do Calvário! Os coelhos mais as rolas mais o trabalho que estes exigem encham-lhe as horas. O ar puro da vegetação mais a Paz do Senhor entre irmãos igualmente enfermos insuflam-lhe Esperança. Mas entretanto sobrevem um cancro na laringe. É a exigência derradeira do Senhor para o purificar e lhe dar em prémio a Paz eterna. A Paz que tu mais eu tanto ansiamos possuir e que o Ti Lobato já goza. Ele partiu ontem. Não foi sem saudade e dor que o vi partir. O dia a dia irmana e cria laços de amizade e a gente passa a sentir fortemente a ausência dos que o Senhor chama. Mas a alegria retorna, porque os sabemos em bem. Que feliz não é agora o Ti Lobato!

Dar a mão aos que estão prestes a largar, para que o façam como tu desejás fazê-lo, não em desprezo e abandono como animais, mas em leito confortável e na Paz do Mestre como irmãos nossos — é a finalidade deste rol de donativos.

Do Terreiro do Paço, alguém «que muito admira e aprende no Calvário» vem com três contos para o que mais preciso for. De Gondomar senhores amigos com 500\$00. Da Praça de Damão 200\$00 e mais 500\$00. Do Luso outros 500\$00 e de Amaranite 150\$00. No Avenida em Coimbra 5.500\$00 e na mesma cidade mais 500\$00.

«Uma mãe de Leiria» está aqui com cinco contos «pela santificação do filho». Que mãe! Que amor de mãe! J. Guimarães com mil duma vez e outros mil doutra. Quem será este senhor tão assíduo? Casal aparece a festejar as suas bodas de prata. Amigo do Porto pede orações aos doentes, pela paz da família. Tem vindo vezes sem conta. Ele lá sabe porquê.

Visitante da capital com 5 contos. E da capital Emília com 100\$00. Lisboa continua. O corpo docente da Escola Josefa de Óbidos com 1.100\$00. E o Porto não fica atrás. É Elvira com 300\$00. Maria Joaquina com outro tanto. Maria do Carmo com mil. Dois colegas de trabalho com 63\$20 «que era para comermos uma lampreia, e não foi comida». «Portuense qualquer» muito regular com 40\$ de cada vez. E a «humilde portuense» também não falta com 100\$ ou com 200\$ pela saúde do marido. Os meses que aqui vem! Mais senhora do Porto com 500\$. Outra, M. Azevedo com outro tanto.

Professora das Caldas com 30\$00. Senhora de Lisboa com 500\$00. Maria do Porto com 50\$00. O neto já fez dois anos e o avô não cessa de assinalar os meses que aquele pequenino vai somando. Roberto com 20\$. Sacerdote de Fátima com 500\$. Anónimo com 700\$00. Doente com 100\$. Maria Couceiro com mil. Idalina de Lisboa com 100\$ e uma paixão muito grande pelos doentes. Serrana do Porto com outro tanto. Senhor em Avanca com 500\$00. Maria Amélia com 50\$00. Visitantes com parcelas variadas. Júlia da capital com 100\$00. Avó mais a neta com 20\$00. Anónimo com 1.800\$00.

De Lisboa 100\$00 mais 50\$. De Vila do Conde 100\$00. De Ovar igual quantia. E de Gondomar também, mas com alguns barris de azeitonas. De Lordelo carga de lenha para o aquecimento de inverno. Da Granja 100\$00. De Bragança o mesmo. Do Porto também o mesmo. Da Rua Alexandre Rey Colaço o dobro. De Espinho 20\$00.

«Para meus irmãos doentes» Lídia, de Lisboa, é mensal com 40\$00.

A oferta anónima é sempre de 50\$00. Para a Rosária, Maria Manuela ós meses que também está aqui com 100\$00. Uma migalhinha do Totobola. Um donativo de 320\$00. Outro de 200\$00. Um «tenho pena de ser pouco mas é do coração». Um donativo de 600\$00. Outro de 40\$ e ainda mais outro de 20\$00. Lençóis e roupas. Caixas de plásticos. Bolos e fruta. Mais um donativo por alma de M. da Assunção. Mais roupa e 60\$00. E mais a certeza de que não falta o de que precisamos.

PADRE BAPTISTA

A casa para o António Henriques — airosa e donairosa — foi erguida no frondoso pinheiral da nossa quinta de Beire.



O casamento

do António Henriques

BEIRE esteve em festa no dia 22 de Agosto. Debaixo do sol escaldante o António, a Fernanda e os convidados caminharam em direcção à Capela. Os noivos, tendo entrado na Capela e depois de haverem feito oração diante do Santíssimo, dirigiram-se para o altar onde foi celebrado o Matrimónio. Este realizou-se na Capela inaugurada pelo Pai Américo nos últimos dias da sua vida terrena.

Todos sabeis que o Matrimónio é a união legítima entre o homem e a mulher. Deus destinou esta união à propagação do género humano.

Acabadas as cerimónias, foram atribuídos aos noivos os desejos das maiores felicidades. Em seguida fomos para o nosso refeitório onde foi servido o copo d'água. Estava muito bem preparado tanto em adorno como em iguarias. Deve-se este trabalho às senhoras principalmente. Sentiamo-nos muito satisfeitos por termos o nosso irmão no meio de nós, acompanhado de sua esposa, nossa cunhada. Esta alegria deve-se também a um grupo de rapazes, nossos colegas, de Paço de Sousa. Este grupo, como prova da sua boa presença e amizade de irmãos, não só dirigiu aos noivos votos de felicidade na sua vida conjugal, mas manifestou também a sua alegria cantando. Estes colegas e convidados, depois de estarem satisfeitos regressaram a suas casas. Os nossos que há pouco se sentiam muito satisfeitos, andam agora dispersos e pensativos. Já não continuam a manifestar a pouca alegria que possuíam. Seria bom que os colegas das outras ca-



O sorriso da Fernanda e do António diz tudo: Paz nas almas; alegria nos corações.

sas nos viessem visitar um pouco mais a miúdo, para passarem juntamente connosco umas horas de alegria. Vós tendes obrigação de repartir a vossa felicidade por aqueles que não a possuem ou pelo menos não a procuram. Com o casamento do António é menos um dós que costumavam repartir a felicidade com os irmãos. Esperamos que a continue a repartir, não tanto como costumava, porque no primeiro plano está a sua esposa e no segundo os filhos, se Deus lhos der. Ele continua no meio de nós a trabalhar e a ajudar-nos naquilo que for preciso. Quando era chefe procurava ser recto tanto nas suas sentenças como nos trabalhos, embora muitos dos nossos rapazes não o reconhecessem.

É destes que a Obra precisa. Pena é que sejam poucos. A Obra, como recompensa dos seus esforços, continua a ajudá-los; e, quer que fiquem debaixo do seu telhado, para os poder socorrer o mais depressa possível, se preciso for. É o caso do António Henriques.

E no meio de tanto sacrifício, de tanta felicidade e de tanto bem-estar não lhe ofertamos nada?

Mas... que lhe havemos de ofertar senão temos nada?

Nós pedíamos, muito baixinho, para ele não ouvir, a qualquer dos estimadíssimos leitores, um... rádio ou um ferro eléctrico. Mesmo usado serve.

De todo o coração, um muito obrigado.

Beire, 23 de Agosto de 63.

Virgílio

Colabore

na Campanha de Assinaturas

«O Gaiato»



De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

...E A OBRA CONTINUA! — 4 de Agosto. Vem sendo uma data com relevo para a Obra da Rua. Este de 1963 deu-nos mais um Padre que deixou as redes para SERVIR. Dádiva enorme. Grandeza de Deus. Alegria na Obra da Rua. Outro passo para um mundo melhor. Mais uma vitória da Igreja. E a Obra, que é Dela, continua.

EXAMES — O aproveitamento dos nossos estudantes foi classificado no grau de razoável. Se todos eles soubessem compreender o quanto os estudos representam de sacrifício para a Obra e o que eles podem representar no futuro de cada um, certamente que o seu comportamento seria melhor e o aproveitamento se situasse na escala de bom. Esperemos, porque o tempo o dirá até que ponto as nossas palavras significarão para os nossos estudantes. E vamos aos resultados:

Primo, João de Estrela, Adjectivo, Licas, Roque e Saco de Papas fizeram o 2.º Grau. Redondo e Quarenta passaram para o 2.º Ano do Liceu. Marinho para o 3.º Ano. António Zé e Sintra para o 5.º Ano Comercial e Luís fez o 5.º e ficou bem. A todos os nossos parabéns e votos de felicidades para o próximo ano lectivo, para bem deles e da nossa Obra.

SEMPRE AMIGOS — Continuam as provas de amizade para com a nossa Casa do Gaiato de Lisboa. O Banco de Portugal depois de muito nos ter dado, forneceu-nos ultimamente mobiliária e secretárias com muita categoria. Da Companhia Portuguesa de Tabacos veio um torno mecânico e um limador para a nossa serralharia e uma guilhotina para a tipografia. Desta maneira estas nossas oficinas ficaram apetrechadas para melhor podermos dar aos nossos rapazes a oportunidade de se formarem profissionalmente e servir com mais precisão os nossos estimados clientes. Também a nossa furgoneta tem saído para Lisboa a recolher mobiliária, roupas, calçado e jornais. Por intermédio de pessoa amiga, D. Sílvia, de Moscavide, mandou-nos roupas e selos, que muito agradecemos. A todos os nossos amigos, o nosso muito obrigado.

CASA DA ERICEIRA — Os últimos retoques de construção estão dados. Ficam de pé os problemas de água e luz e, como todos devem compreender, o mobiliário. Uma casa como a da Ericeira não se mobiliza com a facilidade que naturalmente desejamos. Por isso e como sempre, esperamos muito da generosidade dos nossos leitores, para que os nossos rapazes possam sentir à sua volta o conforto que nunca sonharam ter. É uma necessidade justa e razoável. Quem levanta o dedo?

NÃO ESTÁ CERTO — David e Saco de Papas fugiram. Este um dia depois de fazer a 4.ª Classe, aquele dez dias depois deste. São irmãos. O primeiro com 17, o segundo 14 anos. Coisa estudada. Logo que o mais novo completasse a instrução primária, abalariam. E quando acima dizemos que não está certo, queremos referir que o David era um dos elementos da Tipografia com capacidade suficiente para ser um bom operário. Acontece porém que, uma vez o rapaz encaminhado profissionalmente, a família arranja maneira de os vir buscar ou até de instigá-los a fugir. E assim acontece. E assim se vai o trabalho de alguns anos e o sacrifício de algumas horas. O pior ainda é que o rapaz nunca enceta lá fora a carreira

que aqui seguia. Por exemplo: O Marreco era um rapaz que trabalhava na serralharia que, segundo a opinião autorizada do seu mestre, viria a ser um bom serralheiro de construção civil. Pois um dia o pai veio buscá-lo. Oito dias depois os nossos vendedores viram-no a vender sorvetes!!! Mas então os pais já se dão ao luxo de estragar completamente a vida dos seus filhos?! Qual vai ser, portanto, o futuro do David? Ah! pais que não saibam a responsabilidade que vos cabe se não traçardes com precisão o caminho que vossos filhos não-de trilhar.

Para que muita gente fique sabendo, principalmente alguns Centros de Assistência Social, a Casa do Gaiato não é um colégio para onde se mandam meninos até fazerem a 4.ª Classe e pelo qual se paga uma mensalidade de x. Ela é única e exclusivamente para aqueles que tiveram a infelicidade de perder os seus pais e que por via disso se encontram na necessidade (se se encontrarem) de serem amparados e guiados para o dia de amanhã. Doutra maneira não.

Cândido Pereira

III

MIRANDA

REGRESSO — Estamos à espera do João Martelo e do Porto que devem chegar num destes dias. É justo que após mais de dois anos de fadigas e lutas pela integridade da Pátria, voltem a pisar o solo da Metrópole e a ver novamente os seus irmãos gaiatos.

Está planeada uma festa para o dia da chegada à nossa Casa. Há-de ser uma festa simples, uma festa à gaiato, por meio da qual nós possamos exprimir a nossa alegria em os tornar a ver.

COMUNHÃO SOLENE — Domingo, 1 de Setembro. 12 dos nossos fizeram a sua profissão de fé e Comunhão Solene. Após dois meses de doutrina devem ter ficado bem preparados, para ir com a devota devoção e amor que um acto desta natureza exige na vida de um rapaz ou de uma rapariga.

Foi um dia grande em nossa casa; assim o é e deve ser em todas as famílias.

Aqui há dias, houve em Miranda do Corvo o Grande Encontro da Juventude Operária Católica (J.O.C.) da Diocese de Coimbra. Como cá em casa, todos ou quase todos são operários, também formámos parte da manifestação e também nos dispusemos a tomar parte no Jogo Cénico, onde o nosso «Conjunto Pódi-oooó chamá-lo», de folclore com «twist», obteve grande êxito, e não fizeram mais que o seu dever, porque agora os instrumentos musicais foram aumentados com um contrabaixo «Made in Germany», da nossa autoria, é claro.

António Ferreira da Silva

III

ERICEIRA

Daqui fala a Ericeira! E que coisas lindas tem para vos dizer!...

À nossa colónia tinham chegado, sorridentes, mais alguns gaiatinhos... e com eles, eu também.

Aquela casinha nova, acariciada pelo sol, parecia retribuir os nossos sorrisos como que a convidar-nos a entrar. E ali ficámos, com outros

que nos esperavam, passando juntos dias de alegria jovial.

O panorama que dali se desfruta é encantador. A nossos pés ajoelha-se o infinito mar que parece, ao longe, unir-se ao céu.

A triplice paisagem — Ar, Terra e Mar — rodeia-nos em ambiente de serenidade e paz. Só as vozes moças dos gaiatinhos se ouvem, transmitindo o que de mais belo têm de seu — a alegria. A praia é a sua primordial distração. No entanto o pinhal, não muito longe, parece gostar da sua visita, porque com ordem do seu dono, ele lhes oferece os seus frutos que muito os alegram.

Durante aqueles dias fizemos um concurso que pareceu-nos ser do agrado de todos. Do concurso, faziam parte as seguintes provas: estafetas, salto em comprimento, pesca de mexilhão, gincana, jogo do Quim e construções na areia. Para tal dividimos os rapazes em 4 grupos a que demos os nomes de Ar, Água, Terra e Fogo. Deste concurso saiu vencedor o grupo do Ar com 2 pontos sobre o 2.º e 3 sobre o 3.º e 4.º. No final distribuímos doces a todos segundo a sua classificação.

Novamente queremos dizer que o povo da Ericeira continua nosso amigo; o peixe fresco de cada dia não nos tem faltado. De cá também nos vem alguma fruta e hortaliça. A todos o nosso muito obrigado.

Outras ofertas nos aparecem. Uma Senhora, nossa amiga e vizinha, mandou-nos 12 melancias que são uma delícia.

Que o Senhor a recompense. Apesar da água e luz de que nossa casa necessita, nós queremos agradecer a todos os que nos deram a alegria de a vermos construída e formulamos votos de que no ano futuro possamos agradecer-vos aquilo que ainda nos falta.

Bem hajam!

Joaquim Martins



Visado pela
Comissão de Censura

Lar de Setúbal

ESTUDANTES — Os nossos estudantes mais novos, o Murta e o Cabanas II, passam para o 2.º ano do ciclo preparatório da Escola Técnica, cortados a uma disciplina, Português. Quando eles abandonam a língua Pátria, um dos principais elementos, o que farão das outras disciplinas nos anos que não de enfrentar?...

Eu penso desta maneira, mas no entanto pode ser que se emendem e se tornem em bons estudantes com o andar dos tempos.

Outro par, o Arlindo e o Joaquim Manuel; ambos fizeram exame do 2.º ano, mas o Arlindo teve mais sorte que o Joaquim Manuel e conseguiu passar para o 3.º ano, ao passo que o outro reprovou; talvez derivado à leitura fraca.

Seguindo-se eu, o Rogério, passei para o 4.º ano do Liceu, com a média de 11.

O Cabanas I e o Lisboa, dois que se enfrentam desde o 1.º; eles passaram este ano para o 5.º ano da Escola, o que equivale ao 3.º ano de formação de serralheiro, conseguindo uns bons resultados no exame. O Rouxinol passou para o 5.º ano de Liceu com a média de 12.

O Crisanto é o mais adiantado, fez o exame do 5.º ano do Liceu, com que sacrifício! Durante o ano teve uma doença no estômago que o impossibilitava de estudar, mas mesmo assim mostrou-se digno da sua responsabilidade, agarrou-se aos livros e conseguiu ficar bem no exame. Ele anda agora no 6.º ano do Liceu e estuda no Externato Frei Agostinho da Cruz.

O Manuel Joaquim, passou para o 2.º ano de aprendizagem de Comércio. Este ano irão mais três estudar. O Maçã fez exame de admissão ao Liceu e a escola e ficou bem nos dois; preferiu ir para o Liceu e para o ano irá fazer companhia ao Crisanto.

O Careca e o Cara-Alegre fizeram exame ao Liceu e ficaram bem. O Careca irá para o Externato e o Cara-Alegre para o Liceu.

O Coruja fez exame de admissão à Escola e por infelicidade reprovou. Para o ano teremos mais três rapazes preparados para arranjar um bom futuro.

VENDA — Eu como vendedor venho falar-vos um pouco da venda do nosso «Gaiato» apreciado em todo o mundo.

Eu sei que a venda custa um pouco mas com sacrifício tudo se vence. Não é como alguns que vêm que a venda está a piorar, desanimam e não querem saber de nada e depois chega-se à noite trazem 10, 12 ou talvez 5 jornais vendidos para casa, o que é uma vergonha.

Um homem, se é verdadeiro homem, esforça-se para o ser sempre.

Ainda há pouco, num Sábado deste Estio, andei desde as nove horas da manhã até às onze horas com cinco jornais vendidos, sem conseguir durante uma hora, talvez, vender nenhum; é certo que eu estava prestes a desanimar, mas não! Alentei-me. Portanto, é um conselho que eu dou aos nossos vendedores para quando se virem aflitos a vender, não desanimem, peçam auxílio aos outros, que concerteza eles o darão, pois que aqui em casa vivemos todos irmanados. É certo que há rapazes que têm mais prática que outros a vender, mas isso não tira o ganho aos outros. Vêem lojas, dentro delas, ofereçam o jornal todo o dia, pois é certo que não vendem menos de 70, cada um. Chega-se à noite, estamos cansados, mas contentes.

Rogério

A nova impressora
automática devora trabalho!

Se deseja mandar executar
serviços tipográficos
proveite a

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA



VISTAS DE DENTRO

PATINS... Patins... Patins...
Precisam-se de todos os tamanhos.

Ai, quando os patins vierem! Campo temos... o que falta... Virão?

De todas as medidas? Patins? Quem nos dera!

* * *

APANHEI o Piriquito às uvas.

Ah pirata, que te arrançou uma orelha!

E fui para ele com ideia. Já ele vinha com um bago verde na mão estendida, e nos olhos um mundo de inocência...

— Olhe, foi o Avintes; picou-lhe uma «abéspora» e agora vamos esfregar.

De cócoras, assista à operação. E ao lado, a padiola cheia de terra e de paciência.

O Tira-Olhos quer um «acordeão».

— «Faça uma crónica a pedir um acordeão e outros instrumentos... A gente podia aprender».

Aqui fica. E nós, ansiosos pelas melodias que o Tira-Olhos lhe vai arrancar.

* * *

SORNA... Tanta! Kilos dela, todos os dias.

O Faustino diz que tem frio, mas sabe-lhe tão bem a sombra. O Tóto cortou relações com o feijão-frade e, cada vez que se verga para apanhar uma vagem: «Estou farto disto!» Ao Adão leva uma hora a chegar ao local de trabalho, como dali a outra é a merenda e o Adão inverte a marcha lenta. O Cabeça-Negra

«ferrou o galho» no armazém das cebolas, e elas, colchão... «Maus gostos na boca» — disse ele.

Sorna... para dar e vender.

* * *

SENHOR Padre Manuel esqueceu-se de vestir a casula e apareceu no altar vestido de branco!

Foi boa!

Diz o Américo que foi influência do Twist dos batatinhas, pois àquela hora, sentiam-se na capela as harmonias do ensaio.

Não deve ser.

Talvez devesse da visão aterralora das chaves do cemitério, que o Maioral lhe colocou debaixo do travesseiro.

É mais certo.

PADRE TELMO

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes